

A profecia sobre a volta de Elias se realizou?

Introdução

Descobrimos se Elias voltou ou não, podemos auferir se o profeta Malaquias falou em nome de Deus, ou se estava "viajando na maionese". No primeiro caso, não fere a "inerrância da Bíblia", ao gosto dos protestantes; no segundo, joga-se isso por terra.

Há ainda a grande possibilidade de que as interpretações dadas pela liderança religiosa visem apenas manter-se os dogmas estabelecidos, os quais, em sua maioria, não tem nenhum respaldo bíblico, portanto, não podem ser classificadas como "a palavra de Deus".

Então, vamos consultar a Bíblia para ver o que nela encontramos para responder a essa pergunta, proposta no título.

A profecia da sua volta

Iremos encontrá-la no profeta Malaquias, cujo livro, último do Antigo Testamento, refere-se, provavelmente, aos acontecimentos do período de 515 a 445 a.C. Está no seguinte passo:

MI 3,1: "Vejam! Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente. De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam. Olhem! Ele vem! - diz Javé dos exércitos".

Aqui temos a profecia sobre o envio de um mensageiro, que viria para preparar o caminho do Messias, o que, segundo acreditavam, aconteceria no grande dia terrível do Senhor, ou seja, pensavam que nesta época é que Deus iria proceder o restabelecimento de Israel como seu "povo eleito" e, como consequência, haveria o julgamento das nações que o escravizou.

É no final desse livro que esse mensageiro é identificado.

MI 3,23-24: "Vejam! Eu mandarei a vocês o profeta Elias, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total".

Essa identificação do enviado como sendo o profeta Elias é importante, pois, caso contrário, seria fácil atribuir a qualquer um o cumprimento dessa profecia, especialmente, aqueles que gostam de "provar" que todas as profecias bíblicas foram cumpridas, para justificar a tal de "inerrância" da Bíblia.

Também em Eclesiástico, livro atribuído a Jesus Ben Sira, mestre em sabedoria em Jerusalém, há a confirmação da volta de Elias, que, ao falar desse profeta, afirma:

"Nas ameaças para os tempos futuros, você foi designado para apaziguar a ira antes do furor, a fim de reconduzir o coração dos pais até os filhos e restabelecer as tribos de Jacó". (Eclo 48,10).

Voltando a Malaquias, encontramos essa curiosa explicação para o passo MI 3,22-24, visando justificar a crença dos judeus para a volta de Elias:

Depois do seu encontro com Deus no monte Horeb (1Rs 19,1-18), Elias desaparece de cena, arrebatado por Deus (2Rs 2,1-18). Por isso a tradição judaica dos últimos séculos antes de Cristo esperava o seu retorno, como precursor da era messiânica (Eclo 48,10s). Na cena da transfiguração Elias aparece ao lado de Moisés (Mt 17,1-18) para reforçar a voz que se faz ouvir no céu: "este é meu Filho muito amado, ouvi-o" (Mc 9,7). Jesus nesta ocasião identifica o Elias que deveria vir com João Batista (cf. Mc 9,9 e

nota). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1172) (grifo nosso).

Muito bem, o que não se faz para fugir da ideia da reencarnação. Seria a questão de se perguntar: por que os judeus, da mesma forma, não esperavam a volta de Henoc, pelo motivo dele também, conforme os textos bíblicos, ter sido arrebatado ao céu? Muito estranho! Portanto, fica claro que a crença na volta de Elias nada tem a ver com o fato dele ter sido supostamente arrebatado.

O anúncio de sua próxima realização

Encontramos somente em Lucas o relato do anjo Gabriel dizendo a Zacarias, sobre o nascimento de um filho que deveria ser chamado de João, apesar de sua mulher ser estéril e ambos já velhos.

Lc 1,11-19: *"Então apareceu a Zacarias um anjo do Senhor. Estava de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e cheio de medo. Mas o anjo disse: 'Não tenha medo, Zacarias! Deus ouviu o seu pedido, e a sua esposa Isabel vai ter um filho, e você lhe dará o nome de João. Você ficará alegre e feliz, e muita gente se alegrará com o nascimento do menino, porque ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto'. Então Zacarias perguntou ao anjo: 'Como vou saber se isso é verdade? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada'. O anjo respondeu: 'Eu sou Gabriel. Estou sempre na presença de Deus, e ele me mandou dar esta boa notícia para você'".*

Na profecia de Malaquias (Ml 3,24) é dito que Elias iria *"fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais"*, exatamente aquilo que o anjo Gabriel prevê que o filho de Zacarias viria *"a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos"* (Lc 1,17b); há, portanto, uma relação direta entre a profecia e a personagem João, o filho de Zacarias.

Além disso, é dito que o menino João, que irá nascer, virá *"com o espírito e o poder de Elias"* (Lc 1,17a), o que em outras palavras, podemos dizer que era o próprio Elias, ou seja, o mesmo espírito que estava voltando em cumprimento da profecia; é portanto, a confirmação desse cumprimento, pois caso não fosse ele ter-se-ia dito: *"com o espírito e o poder de Deus"*. Isso ficará ainda mais claro no passo do item que falará da identificação do profeta (Mt 11,7-15).

Na Bíblia Shedd, encontramos explicações interessantes para dois passos, uma delas fala de Elias e a outra de João Batista; vejamos:

1) Lc 1,17: *"Elias. Comparando-se João com Elias, vemos que não há outras duas pessoas com maior semelhança na Bíblia (cf. Mt 11,14). (Bíblia Shedd, p. 1422). (grifo nosso).*

2) Mt 17,10-13 Os judeus estavam aguardando um segundo aparecimento de Elias antes da vinda do Messias (Ml 4,5), mas Jesus demonstrou que era João Batista o cumpridor dessa missão profética (aliás, suas vestes e sua maneira de viver já apontavam para o caráter de um Elias). (Bíblia Shedd, p. 1357). (grifo nosso).

Identificando a semelhança entre a maneira de viver e no caráter, só faltou afirmar que ambos eram o mesmo espírito, o que em outras palavras significa dizer que João Batista era Elias em nova encarnação.

Digno ainda de nota, é o fato de que João Batista morrendo degolado (Mt 14,9-10), cumpriu-se a inexorável lei divina, revelada por Jesus: *"todos os que usam a espada, pela espada morrerão"* (Mt 26,52), pois, ele, quando viveu como Elias, degola os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal (1Rs 18,20-40), divindade fenícia, que o rei Acab havia introduzido entre os israelitas. Popularmente, se diria: cumpriu-se o carma.

A crença na profecia sobre a volta de Elias

É importante confirmar que, entre o povo daquela época, existia a crença de que Elias iria voltar, conforme se profetizou. Eis duas passagens que provam isso:

Mt 16,13-14: *"Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe, e perguntou aos seus discípulos: 'Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?' Eles responderam: 'Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas'".*

Mt 17,10-11: *"Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem'".*

No primeiro passo, vemos que o povo em geral, achava que Jesus poderia ser, entre outros, o profeta Elias; o motivo é pelo fato deles acreditarem firmemente que o tesbita iria voltar, porquanto havia uma profecia que dizia isso, que é confirmada, no segundo passo, por Jesus. Não podemos deixar de destacar que, dessa forma, Jesus está mais uma vez confirmando que Elias voltaria; se ele não veio, como os antirreencarnacionistas querem, forçosamente, temos que conformar que ele não disse a verdade. Então, pelo menos, para não deixar Jesus nessa triste situação, deveriam acreditar no que ele está dizendo aqui, e, via de consequência, admitir que João Batista é Elias em nova encarnação, mesmo que isso venha a contrariar a interpretação dada pela liderança religiosa.

Ademais não se poderá alegar, para salvar-se "a pátria", que Elias era esperado, porque foi de "corpo e alma" para "o céu", porquanto, pensavam, da mesma forma, que Jesus poderia ser Jeremias ou algum dos profetas, e, a todos eles, não aconteceu de serem também "arrebatados", conforme presume-se ter acontecido a Elias. Voltaremos à questão um pouco mais à frente.

A identificação do profeta que voltou

Vejamos o seguinte passo:

Mt 11,7-15: *"Os discípulos de João partiram, e Jesus começou a falar às multidões a respeito de João: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça'".*

A clareza com que Jesus afirma *"É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente;..."* (Mt 11,10) não deveria deixar margem a nenhuma dúvida ou às interpretações dogmáticas e de conveniência, pois, aqui, ele estabeleceu uma relação direta de João com o cumprimento da profecia de Malaquias sobre o envio do mensageiro (Ml 3,1), que está sendo identificado, por Jesus, como sendo João Batista.

Por outro lado, para ser mais enfático Jesus afirma, em relação a João Batista: *"Ele mesmo é o Elias que estava para vir"*, completando: *"Quem tem ouvidos, ouça"* (Mt 11,15), frase singular, pois tivesse ele dito de coisa comum não haveria sentido em falar desse jeito, mas como estava afirmando que João era a reencarnação de Elias, foi, usando outras palavras, preciso alertá-los: "quem quiser acreditar, que acredite", tão certo que os negadores da reencarnação apareceriam para contestá-lo. Sobre o "Ele mesmo", voltaremos ao assunto mais à frente, no próximo tópico.

Então, a coisa é bem simples: se João Batista não for Elias, tem-se que admitir que Jesus faltou com a verdade, e, mais ainda, que Deus prometeu enviar Elias e não enviou. E aí perguntamos: para onde vai a tese da "inerrância" bíblica, diante dessas duas situações?

Merece destaque o trecho no qual Jesus diz *"Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo"* (Mt 11,12). Levando-se em conta que a expressão *"desde os dias"* se referir a alguma situação passada e considerando que Jesus e João Batista foram contemporâneos, não há sentido algum ela ter sido dita, a não ser que se leve em conta que João é Elias reencarnado, aí sim, é compreensível, pois Jesus estaria se referindo a essa existência anterior de João.

Existe ainda uma outra passagem, na qual também ocorre essa identificação, inclusive já a citamos, mas agora iremos transcrevê-la por completo, uma vez que naquele momento isso não era apropriado ao tópico.

Mt 17,10-13: "Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo'. Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista".

Mais claro que isso é impossível. Jesus aqui afirma que Elias já veio e que não foi reconhecido, confirma portanto a profecia de Malaquias sobre a volta de Elias. Se Elias *"já veio"*, ou seja, o fato já aconteceu, por que motivo, então, ele não foi reconhecido? É, novamente, bem simples: *"o espírito e o poder de Elias"* estava agora animando o corpo de João Batista, o que não foi difícil para os discípulos entenderem, uma vez que sabiam que Jesus estava falando de João, conforme se lê no próprio texto.

Objecções à João ser Elias

Tudo bem, se os objetores querem contrariar o que Jesus disse, não podemos fazer absolutamente nada. O que nos cabe é apenas contestar essas objeções, sem querer impor a ninguém a nossa forma de pensar.

Uma coisa que os negadores da reencarnação não se dão conta é que sendo Jesus o Messias, fato que não contestarão, e levando-se em conta que há a promessa de Elias vir antes dele, para preparar-lhe o caminho, então, cumpre-lhes explicar-nos onde o profeta tesbita estava e por qual motivo ele ainda não veio.

Vejamos os seguintes passos, que afirmam que João é Elias:

Mt 11, 10: "É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'".

Mt 11,14: "E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir".

Mt 17,12: "Mas eu digo a vocês; Elias já veio, e eles não o reconheceram".

Diante de afirmativas tão contundentes, não há como negar que Elias tenha voltado e vivido como João Batista. Não vemos sentido em objetar com a crença na lenda de que Elias teria sido arrebatado ao reino do céu de corpo e alma, por, pelo menos, estes três motivos: *"O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada"* (Jo 6,63), *"é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual"* (1Cor 15,44) e *"a carne e o sangue não podem receber em herança o reino do céu"* (1Cor 15,50).

Fora isso, podemos argumentar que os amigos de Elias, Eliseu e os demais irmãos profetas, não acreditaram que ele tenha ido para o "céu", considerado como "reino de Deus", mas, sim, a um outro lugar, razão pela qual Eliseu permitiu que o procurassem, conforme consta neste passo:

2Rs 2,15-18: "[...] Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele, e disseram: "Aqui, entre seus servos, você pode contar com cinquenta homens valentes. Permita que eles saiam para procurar seu mestre. Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale'. Eliseu respondeu: 'Não mandem ninguém'. Eles, porém, insistiam tanto, a ponto de aborrecê-lo. Por fim, ele disse: 'Então mandem'. Eles mandaram cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias, mas não o encontraram. Voltaram para Eliseu, que

tinha ficado em Jericó. Então Eliseu lhes disse: 'Não falei para vocês não irem?'

Assim, para as testemunhas oculares do acontecimento, Elias não foi “arreatado ao céu” (paraíso celeste), porquanto, certamente sabiam que redemoinho ou turbilhão (2Rs 2,1.11), segundo algumas traduções, não leva ninguém para lá; depois, quando esse episódio transforma-se numa lenda, aí, sim, passou-se a acreditar que teria ido para junto de Deus.

Por outro lado, nem todo mundo acredita que Elias não tenha morrido, podemos citar, por exemplo, a equipe de tradutores da Bíblia de Jerusalém, que, em se referindo a esse suposto arrebatamento, afirma: “[...] **O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pôde chegar a essa conclusão.** Sobre o 'retorno de Elias' cf. MI 3,23+”. (Bíblia de Jerusalém, p. 508-509) (grifo nosso).

Do monsenhor Francesco Spadafora (1913-1997), italiano professor universitário, temos essa informação do seu texto “O profeta Elias”:

Chegando ao fim de sua vida, Elias deixa Gálgala, acompanhado por Eliseu e um grupo de profetas, faz paradas em Betel e Jericó. Ao rio Jordão atravessa a pé enxuto, dividindo as águas com seu manto. Apenas Eliseu, destinado a sucedê-lo, é quem o segue. O fim misterioso de Elias é descrito como um arrebatamento por um carro de fogo (2Rs 2,2-13). Desta descrição se originou a antiga crença hebraica de que o profeta haveria de regressar antes do “Grande dia de Yahweh” ou da “parusia” do Messias, crença que encontrou eco inclusive entre os Padres da Igreja e entre escritores eclesiásticos (Mc 6,14-16; 9,11; Lc 9,7ss.; Jo 1,21; Enoc etíope 89,52; 90,31; IV Esdras 6,26; Justino, Dial. 8,4; 49,1).

O prudente parecer expressado por Flávio Josefo (Ant. IX, 2, 2): “Elias desapareceu dentre os homens e, até o dia de hoje, nada se sabe sobre sua morte”, e sobre tudo a atitude de Jesus, relatada nos Evangelhos, nos leva a considerar a descrição do arrebatamento de Elias como um caso de êxtase profético de Eliseu para significar a especial assistência divina na morte do profeta. Na realidade, o fim de Elias está descrito tal como apareceu aos olhos de Eliseu (cf. 1Mac 2,58) que foi o único que presenciou: Elias desapareceu em um turbilhão. O mesmo verbo *laqah* (=tomar), usado para indicar o arrebatamento de Elias, expressa em outros lugares a intervenção de Deus na morte serena do justo (Gn 5,24; Salmo 49,16; Is 53,8). Os demais elementos são simbólicos: pensa-se, por exemplo, na visão que teve S. Bento da alma de sua irmã, Santa Escolástica, que voava ao céu como uma pomba, no mesmo dia de sua morte.

[...]

Porém em outros textos (cf. Zohar Bresit, 137; Sepher Ha-pardes, 24,4) se afirma que Elias deixou seu corpo material para tomar outro luminoso: “Como Elias pôde subir e habitar os céus que não sustentam nem um grão de trigo?”. O rabino Simão bar Jochai responde: “Encontrei escrito: entre os que nasceram neste mundo, haverá um espírito que baixará sobre a terra e vestirá um corpo. O seu nome é Elias. Ele voltará a subir ao céu, seu corpo permanecerá no turbilhão e seu espírito revestirá um corpo luminoso para que possa habitar entre os anjos”. (SPADAFORA, 1972, site Hermanubis) (grifo nosso).

Essa informação do historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), apontado por Spadafora, que “Elias desapareceu, sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele” é bem interessante, porém, essa fala de Josefo, se referindo a Acazias, filho de Acab, tem mais alguma coisa, por isso vamos transcrevê-la:

Foi sob o seu reinado que Elias desapareceu, sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele. Ele deixou, como já disse, Eliseu, seu discípulo. E bem podemos ver nas Sagradas Escrituras que Elias e Enoque, o qual viveu antes do dilúvio, desapareceram do meio dos homens, mas nunca se soube que tenham morrido. (JOSEFO, 2003, p. 225). (grifo nosso).

Neste caso, seria mais razoável acreditar que o fato de que ninguém soube que tenham

morrido, não quer, necessariamente, significar que não tenham morrido. Em 12 de outubro de 1992, o deputado Ulisses Guimarães sofreu um acidente aéreo, em Angra dos Reis, RJ, e seu corpo, até hoje, não foi encontrado. Não seríamos tão ingênuos a ponto de afirmar que ele não morreu, visto seu corpo ter desaparecido, não é mesmo?

É comum, entre os protestantes, tomarem os trechos "*com o espírito e o poder de Elias*" (Lc 1,17) e "*João é o Elias*" (Mt 11,14), conforme consta de algumas traduções, para alegar que João Batista não era Elias, mas que tinha um "ministério" semelhante ao de Elias, se apegando ao artigo "o" antes do nome Elias; entretanto, além de não haver nada escrito sobre isso, pois a citação é literal, ELIAS, com todas as letras, basta ver nos três passos acima onde não consta nada sobre semelhança de ministério. Por que Jesus não usou o termo ministério para não causar confusão? Não é muito estranho? Os fundamentalistas querem dizer com esse tal de "ministério" o que a própria Bíblia não disse. E por que fazem isso? Para esconder a reencarnação. Nada mais que isto. Se alguém diz que vai receber, na sua residência, o amigo João; podemos, diante disso, esperar, por exemplo, pela vinda de Maria?

Alguém poderá nos objetar dizendo que o texto de Mt 11,14, logo acima, é diferente de "*Ele mesmo é o Elias que estava para vir*", que citamos anteriormente e prometemos voltar ao assunto, porquanto um diz "*João é Elias*" e o outro já afirma "*Ele mesmo é Elias*", afinal qual deles é o verdadeiro?

Podemos dizer que a culpa dessa diferença não é nossa, pois encontramos estas três versões seguintes para esse trecho: "*é o Elias*"; "*é este o Elias*" e "*ele mesmo é o Elias*". Segundo o professor Carlos Torres Pastorino (1910-1980), ex-sacerdote formado em Teologia e Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim, o correto seria a seguinte versão:

Mt 11,14: "*E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir*".

Explica-nos, Pastorino:

A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns. Mas o grego é bem claro: *kai (e) ei (se) thélete (quereis) decsásthai (aceitar, inf. pres.) autós (ele mesmo) estin (é) Hélias (Elias) ho méllôn (part. presente de mellô, destinado, "o que estava destinado") érchesthai (inf. pres.: a vir)*.

A Vulgata traduziu: "*et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est*", em que o participio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do participio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado". Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "*ipse est Elias debens venire*", o que corresponde exatamente à nossa tradução: "*ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir*". Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá vir*), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. (PASTORINO, 1964, p. 16). (grifo nosso).

Portanto, tudo nos leva a crer que as versões divergentes, dessa tradução de Pastorino, têm como objetivo esconder a ideia da reencarnação, que ficaria nítida na forma correta. Duvidamos que os líderes religiosos, que, em sua maioria, possuem muito mais conhecimento que nós, não saibam dessa alteração na tradução.

Na Bíblia Sagrada Vozes, seus tradutores fazem questão de tirar da cabeça dos leitores a ideia da reencarnação, conforme se pode ver nesta explicação ao passo Mt 11,13:

Elias, segundo Mt 3,23s, é o precursor do Messias. Se Jesus é o Messias, a profecia já deve estar cumprida com João Batista (Mc 9,13). João Batista é Elias enquanto caminhou "diante do Senhor no espírito e no poder de Elias, para reconduzir os corações dos pais aos filhos e os rebeldes aos sentimentos dos justos a fim de preparar-lhe um povo de boa vontade" (Lc 1,17). Não se trata, pois, de uma reencarnação de Elias. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1190).

O pobre do fiel é levando nessa onda, quando ele não busca a verdade dos fatos, preferindo acreditar no que seus líderes falam.

Leiamos agora o seguinte passo:

Lc 9,28-32: "Oito dias após dizer essas palavras, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar. Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante. Nisso, dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. Apareceram na glória, e conversavam sobre o êxodo de Jesus, que iria acontecer em Jerusalém. Pedro e os companheiros dormiam profundamente. Quando acordaram, viram a glória de Jesus, e os dois homens que estavam com ele".

Este episódio convencionou-se chamá-lo de "A transfiguração de Jesus", que também é narrado por Mateus (Mt 17,1-9). A objeção que se faz é que, se João fosse mesmo Elias, ele, ao aparecer, deveria apresentar-se como era na última encarnação, ou seja, com os traços de João e não como os de Elias, uma vez que o relatado aconteceu depois de sua morte.

Seria um bom argumento, caso um espírito não pudesse se manifestar com qualquer uma das aparências físicas que possuía em suas várias vidas anteriores. Vejamos, como Kardec, explica essa questão:

Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais, não os manipulam como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido, tivesse tido várias encarnações depois. Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, -enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamentos* e reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento. (KARDEC, 1993, p. 167-168). (grifo nosso).

O perispírito, que Paulo chamou de corpo espiritual, é modelado, vamos assim dizer, pelo pensamento, assim, basta ao espírito pensar como ele era, numa determinada encarnação, para que seu corpo espiritual assumisse essa forma. Quem tiver condições de vê-lo, o verá com a imagem da época em que o espírito quis se fazer reconhecer.

O texto afirma que Moisés e Elias apareceram na glória (Lc 9,30-31), ou seja, manifestaram-se em espíritos - como desencarnados.

Uma outra objeção, tomam-na da seguinte passagem bíblica:

Jo 1,19-23: "O testemunho de João foi assim. As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: 'Quem é você?' João confessou e não negou. Ele confessou: 'Eu não sou o Messias'. Eles perguntaram:

'Então, quem é você? Elias?' João disse: 'Não sou'. Eles perguntaram: 'Você é o Profeta?' Ele respondeu: 'Não'. Então perguntaram: 'Quem é você? Temos que levar uma resposta para aqueles que nos enviaram. Quem você diz que é?' João declarou: 'Eu sou uma voz gritando no deserto: 'Aplainem o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías''.

Essa negativa de João Batista de que ele não era Elias, é um prato cheio aos opositoristas da reencarnação, que, absolutamente, não querem, de jeito nenhum, que João seja Elias, em manifesto conflito com o que Jesus disse, ou seja, dão mais valor a João do que a Jesus.

Para quem tem um pouco de conhecimento do mecanismo da reencarnação, a explicação é fácil: embora tenhamos tudo gravado em nosso arquivo psíquico, que poderíamos chamar de memória integral, quando estamos encarnados não lembramos do que fomos na reencarnação anterior, pois isso prejudicaria sobremaneira a nossa relação com os familiares e, possivelmente, até com vários membros da sociedade na qual vivemos. Razão tinha Jó ao dizer *"somos de ontem e nada sabemos"* (Jó 8,9).

É bom explicar que isso, algumas vezes, é conseguido por pessoas, geralmente são crianças, que conseguindo de alguma maneira ter acesso essa memória integral, se lembram de alguns acontecimentos de suas vidas passadas. Kardec explicava que *"O passado é como um sonho do qual se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança"* (KARDEC, 1999, p. 49).

Além disso, também, podemos mencionar a terapia regressiva de vidas passadas, aplicada por muitos profissionais da área em que se estuda o comportamento humano, inclusive, alguns deles estão conseguindo resultados positivos, onde, pela terapia convencional, nada se conseguiu. Então, podemos dizer, que é a ciência que vem, aos poucos é claro, confirmando a reencarnação como uma lei da natureza, portanto, divina.

O curioso é que se nós fôssemos perguntar por aí, aos amadurecidos pelo tempo: você se lembra do que lhe aconteceu quando tinha três anos de idade? É certo que a maioria das pessoas não saberia dizer nada. Disso é ilógico concluirmos que elas não existiram, não é mesmo? E talvez nem fosse necessário ir tanto no tempo, basta querer saber o que fizemos a um mês atrás já não lembramos. Portanto, usar essa negativa de João Batista não é um argumento forte para derrubar a convicção de que ele, anteriormente, viveu como Elias.

Ademais, insistimos, é fato incontestável que, quase todos nós, não nos lembramos de todos os acontecimentos da vida atual, que sabemos não estarem perdidos, mas totalmente arquivados no inconsciente, a memória integral da qual falamos, que, por um motivo ou outro, poderão vir à tona. Então, nesse mesmo inconsciente se encontram gravados todos os acontecimentos anteriores, adquiridos em nossas mil e uma reencarnações pregressas. Assim, como não podemos dizer que não vivemos nessa vida certa experiência porque, no momento, não nos lembramos dela, isso aplica-se às nossas experiências em vidas anteriores, pelas quais nosso espírito vem aperfeiçoando-se moral e intelectualmente.

Conclusão

Sabemos ser um estudo modesto, que, inclusive, tudo o que aqui dissemos já o fizemos alhures, apenas mudamos a forma de falar, para aumentar a possibilidade de se sentir e perceber a clareza dos textos. Porém, ainda haverá os sistemáticos, geralmente, dogmáticos, que não conseguirão ver nada de novo aqui que os leve a mudar de posição, a eles, só podemos dizer, ou melhor, repetir o que Jesus disse: *"Quem tem ouvidos, que ouça"*. (Mt, 11,15).

Alguns desses sistemáticos continuarão a argumentar que não acreditam na reencarnação porque na Bíblia não existe a palavra reencarnação, com o que, obviamente, concordaremos, entretanto, se a palavra não existe a ideia de voltar a uma nova vida, lá encontra-se, porém, somente para quem tem olhos de ver. E utilizando-nos desse argumento, podemos negar a Trindade porque também essa palavra não é encontrada nos textos bíblicos, nem por isso muitas pessoas deixam de acreditar na sua existência. Ficamos empatados!

E, por derradeiro, é bom lembrarmos que Jesus, numa certa feita, disse a seus discípulos: *"Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar"*. (Jo 16,12), demonstrando que nem tudo ele poderia dizer, por faltar ao povo

capacidade para entendê-lo. Não temos dúvida de que a reencarnação fazia parte desses ensinamentos, que seriam postergados para o futuro.

Aliás, para nós ela não é uma questão religiosa, mas puramente de ciência, uma vez que a reencarnação faz parte das leis naturais, que, mais dia menos dia, será provada cientificamente, aos que duvidam, diremos, como Kardec: "É inútil negar e zombar, como outro foi inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu". (KARDEC, 1993, p. 44).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
mar/2011

Referências bibliográficas:

- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2001.
Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP, 1993.
PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho, vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
SPADAFORA, F. O profeta Elias in <http://www.hermanubis.com.br/Biografias/BioElias.htm>, acesso em 18.03.2011, às 10:05hs.